

Literaturas africanas de expressão portuguesa e a oralidade

Marcela de Melo Cordeiro Eulálio¹

Alain-Philippe Durand²

RESUMO: Cada literatura nacional africana tem suas características peculiares, o que as faz desenvolver-se de acordo com formas estéticas e linguísticas da região na qual ela é construída. Ressalte-se que as diferenças entre as literaturas africanas resultam não só das diferenças étnicas existentes entre as nações desse continente, mas sobretudo, devido às diferenças linguístico-culturais (LEITE, 2012). Essas diferenças são percebidas nos textos literários, uma vez que o autor desses textos traz a sua identidade cultural para sua obra. Isso nos faz lembrar das literaturas africanas de língua portuguesa, já que, conforme Leite (2012, p.34), essas literaturas “encontraram maneiras próprias de dialogar com as “tradições”, intertextualizando-as, obtusamente, no corpo linguístico”. Diante disso, temos como objetivo, no presente trabalho, fazermos algumas considerações sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, tendo como foco principal as literaturas angolana e moçambicana. Para tanto, basear-nos-emos em Leite (2012), Ferreira (1977), dentre outros. Finalmente, é importante ressaltar, em primeira mão, que as literaturas africanas de língua portuguesa tornaram-se, além de tudo, um espaço propício para as populações africanas contestarem contra o colonialismo europeu.

Palavras-chave: Literaturas africanas de expressão portuguesa; Angola; Moçambique.

Lusophone african literature and it oralility

ABSTRACT: Each African national literature has its specific characteristics, which makes their development according to aesthetic and linguistic forms from the region in which it is built. It's worth pointing out that, therefore the differences between African literatures result not only of the existing ethnic differences among the nations of this continent, but mainly due to linguistic and cultural differences (LEITE, 2012). These differences are perceived in literary texts, since the author brings its cultural identity to his work. This reminds us of African literature in Portuguese language, that according to Leite (2012, p.34), these literatures "found themselves ways to be in dialogue with the “traditions” putting them in a context of intertextuality, obtusely, in the linguistic body”. Therefore, we aim, in this study, to make some considerations concerning to African literature in Portuguese language, focusing mainly on the Angolan and Mozambican literature. To do so, we will base on Leite (2012), Ferreira (1977), among others. Finally, it is important to point out, firsthand, that African literature in Portuguese language became, above all, a favorable space for African populations challenge against European colonialism.

Keywords: African Literatures of Portuguese-speaking; Angola; Mozambique.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Graduada pela mesma universidade. Professora de Língua Portuguesa e Literatura/Cultura Africana; consultora educacional em escolas de ensino básico. e-mail: celinha.letras@hotmail.com

² Director, School of International Languages, Literatures, and Cultures (SILLC); Director, Africana Studies. Distinguished Fellow, Honors College. Professor of French. Affiliated with Latin American Studies and LGBT Studies in University of Arizona. e-mail: apdemarseille@gmail.com.

1. Considerações iniciais

Com a chegada da literatura escrita, sobretudo de origem europeia, a tradição oral africana permaneceu forte, por isso, daí, a força da literatura oral, na qual são registradas as narrativas tradicionais africanas. A literatura escrita, embora não tenha origem na oralidade, possui muita influência dessa identidade cultural do povo africano, como é possível perceber em diversos escritores mundialmente conhecidos em nossos dias como, por exemplo, é o caso de Mía Couto, autor moçambicano que tem uma forte marca da oralidade nas sua produção literária, o que segundo o próprio autor é resultado de sua vivência com as histórias que lhe foram contadas ao longo da vida, em especial, na infância.

Essa oralidade preponderante no continente africano é ainda muito marcante, contudo, é importante lembrar que cada país possui a sua própria história e, conseqüentemente, costumes e hábitos peculiares de sua cultura que resultam, evidentemente, em diferenças culturais. No entanto, vale salientar que essas distinções não se constituem somente pelas diferenças étnicas, mas sobretudo, pelas diferenças linguístico-culturais, que são percebidas nos textos literários, por meio, por exemplo, de termos próprios de cada cultura.

Isso nos faz ressaltar o valor cultural das literaturas africanas de língua portuguesa, já que, conforme Leite (2012, p.34), essas literaturas “encontraram maneiras próprias de dialogar com as ‘tradições’, intertextualizando-as, obtusamente, no corpo linguístico”. Em outras palavras, a tradição africana, nesse caso, de países de língua portuguesa, é retratada por meio dos textos literários, o que confirma o poder da literatura no que diz respeito ao registro da identidade cultural de um povo.

Sendo assim, pensando no poder de registro cultural da literatura africana de expressão portuguesa, temos como objetivo, nestas reflexões, fazer algumas considerações sobre a literatura africana de expressão portuguesa, atentando para as cinco literaturas nacionais que fazem parte desse conjunto literário, bem como também discutir a relação existente entre essa literatura e a oralidade, que é um dos fatores culturais mais fortes em termos de África.

Como ancoragem teórica para esse trabalho, basear-nos-emos em Leite (2012), quem faz uma estudo acerca das literaturas africanas de língua portuguesa, observando a influência da tradição oral nessas literaturas; Ferreira (1977), quem também faz um estudo sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, observando sua origem em cada um dos países de língua portuguesa; Santos (2006), quem apresenta-nos duas concepções sobre o conceito de cultura, que é importante no presente trabalho; e, por fim, Terra (2014) quem traz-nos algumas considerações sobre o conceito de literariedade.

Concluindo esse processo introdutório, é importante apresentar a organização do presente texto; por isso, inicialmente, faremos uma breve introdução sobre o conceito de literatura, partindo, posteriormente, para a literatura africana e, mais especificamente, a literatura africana de expressão portuguesa presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. Depois, finalizando a discussão sobre a literatura africana de expressão portuguesa, enfatizaremos a relação dessa literatura com a oralidade.

2. As literaturas africanas de expressão portuguesa

Antes de falarmos das literaturas africanas de expressão portuguesa, julgamos mais prudente discutirmos o conceito de literatura e cultura. Normalmente, falamos da literatura como sendo uma forma de retratar a cultura. Então, nesse caso, consideramos que literatura é uma forma de registro, de

escrita. Não é à toa, portanto, que esse termo origina-se do vocábulo latino *littera*. Contudo, embora esse pareça ser o conceito mais apropriado para a literatura, nem todos os textos escritos são considerados, por alguns autores, literatura. Por isso, Terra (2014) faz uma discussão sobre o conceito de literariedade. Quando, realmente, podemos considerar um texto literário?

De acordo com esse autor, esse conceito tem variado bastante nas discussões dos estudiosos da área, por isso, ele traz duas concepções. A primeira considera literária a linguagem especial que se distancia da linguagem ordinária. Portanto, nesse caso, temos como literatura apenas os textos clássicos. Já a segunda concepção toma como base para a literariedade do texto os aspectos exteriores a ele (aspectos sociais, ideológicos, culturais e históricos). Sendo assim, conforme essa concepção, uma obra configura-se literária quando é reconhecida institucionalmente. Logo, podemos considerar, de acordo com tal concepção, os textos de Monteiro Lobato como literatura, já que, por meio das críticas esboçadas por esse autor brasileiro em seus textos, como, por exemplo, na sua crônica intitulada *Negrinha*, na qual há a presença da crítica social, seus textos são reconhecidos institucionalmente.

Pensando nesse conceito de literatura que enfatiza o valor cultural do texto, destaca-se que a literariedade de um texto está além do fato de ele ser escrito ou oral, assim como de suas características imanentes. Um texto não é literário apenas quando está escrito em versos ou em prosa, sendo assim, o gênero também não é um fator suficiente para classificar um texto como literário ou não. Contudo, tendo em vista esse conceito cultural da literatura, podemos caracterizar um texto literário quando o mesmo retrata a sua cultura de origem. Daí, lembramos dos contos orais que são textos que retratam, de forma fiel, a sua cultura, uma vez que são produzidos e reproduzidos pelo próprio povo.

Mas, ao falar em cultura, qual o conceito de cultura a que nos remetemos nesse texto? Primeiro, é preciso deixar claro que, no presente texto, cultura não é

sinônimo de intelectualidade como, na maioria das vezes, as pessoas imaginam. Nesse caso, tomamos como referência o conceito de Santos (2006), quem nos apresenta cultura como sendo um comportamento implícito que rege hábitos e costumes dentro de uma sociedade. Tal comportamento rege as diversas áreas das sociedades, dentre as quais podemos destacar: saúde, educação, economia, esporte, entre outras. Não é surpresa, assim, que haja diferenças culturais entre estados, regiões e países. Se cada povo possui a sua cultura, esse comportamento implícito que rege as diversas áreas da sociedade, conseqüentemente, os hábitos e os costumes mudam.

Nessa perspectiva, detalhando-se melhor nesse conceito de cultura, Santos (2006) apresenta-nos duas concepções. A primeira concepção refere-se a todos os aspectos de uma realidade social, enquanto a segunda diz respeito ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Assim, vemos que, na primeira concepção, a cultura é concebida como algo mais geral, fazendo referência às características gerais de determinado povo, seja na maneira pela qual a sociedade organiza-se, seja pelos seus aspectos materiais.

Essa primeira concepção de Santos (2006) lembra-nos do que Costa (1998) diz-nos sobre as relações culturais, afirmando que é difícil vermos uma cultura diferente sem violenta-la de alguma forma, tentando, conseqüentemente, impor seus hábitos e costumes à cultura do outro, como podemos ver abaixo.

se as culturas são singulares e constituem os seus significados em uma semântica e léxico próprios, parece impossível falar de uma cultura, a partir de outra, sem praticar alguma forma de violência, sem imposição de sentidos" (COSTA, 1998, p.65).

Ainda pensando nas concepções culturais de Santos (*op.cit.*), vemos que, no que diz respeito à segunda concepção do autor, a cultura é vista como algo mais específico, que considera as maneiras de agir de determinado povo, atendendo ao conhecimento, ideias e crenças do mesmo. Dessa vez, há uma limitação em que o povo pode ser entendido como grupo de pessoas que

praticam uma determinada religião, tendo, portanto conhecimentos e comportamentos específicos daquela religião. No entanto, embora tenhamos percebido que as concepções apresentadas se diferenciam pelo fato de uma ser mais geral e outra mais específica, ressalte-se que elas estão, de certo modo, interligadas, uma vez que não podemos falar da forma como um grupo age sem falar da sociedade no geral.

Ainda segundo o mesmo autor, de acordo com a segunda concepção, quando falamos de uma cultura específica como a portuguesa, podemos nos remeter à língua portuguesa, à sua literatura, ao conhecimento filosófico, científico e artístico produzidos na nação portuguesa, assim como às instituições mais próximas desses tipos de conhecimento. Entretanto, ressalte-se que, quando falamos em língua portuguesa, já não se pode ter o mesmo posicionamento, uma vez que essa é uma língua utilizada não só em Portugal, mas também, em outros países como Brasil, Moçambique, Angola, dentre outros.

Por conseguinte, remetendo-se ainda a essa segunda concepção, entendemos o porquê de não podermos nos referir à cultura africana como se fosse uma cultura singular, posto que, África é um continente com diversos países cada qual com sua cultura e línguas. Embora haja características singulares nesse continente, como, por exemplo, a tradição oral, sabemos que cada nação possui uma característica também própria, a exemplo da literatura, como podemos ver nas palavras de Leite (2012) abaixo.

Cada literatura nacional africana tem as suas características próprias e desenvolve-se segundo moldes estéticos e linguísticos, cuja distintividade resulta não só das diferenças culturais étnicas de base, mas também das diferenças linguístico-culturais que a colonização lhes acrescentou. É praticamente insustentável qualquer generalização que conduza a elaborações teóricas que não levem em conta as especificidades regionais e nacionais africanas (LEITE, 2012, p.29).

Vemos, nas palavras da autora acima, que cada literatura nacional possui suas especificidades com base nas especificidades regionais e nacionais,

respectivamente. Tais especificidades dizem respeito à identidade cultural de cada povo. Ou seja, existem diferenças culturais entre Moçambique e Angola, em especial, sobre a história desses países que não podem ser, igualmente, consideradas pela literatura, uma vez que, embora esses dois países tenham sofrido com a colonização portuguesa, cada um teve um impacto diferente na sua história.

Por falar na colonização portuguesa, podemos conhecer um pouco sobre a origem da literatura africana de expressão portuguesa que nasceu nesse processo de colonização no século XV. De acordo com Ferreira (1977), a literatura africana de expressão portuguesa surgiu quando os portugueses chegaram à Angola, em 1575, e criaram, posteriormente, nos anos quarenta do século XIX, o ensino oficial além de aumentar a ocorrência do ensino particular ou oficializado, bem como à liberdade de expressão e a instalação do prelo que abre espaço para publicações literárias.

Ainda de acordo com Ferreira (1977), a instalação do prelo gerou resultados, visto que, quatro anos após esse acontecimento, ocorreu a publicação do primeiro livro impresso na África lusófona, intitulado *Espontaneidades da minha alma* (1849) do autor angolano José da Silva Maia Ferreira. Entretanto, vale salientar que esse foi o primeiro livro impresso, mas não, a obra mais antiga de autor africano, já que Ferreira (1977) também afirma que:

Por pesquisas que recentemente levámos a cabo é anterior àquele, pelo menos, o poemeto da cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich, *Elegia à memória das infelizes victimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noute de 25 de Junho de 1844*, publicado em Lisboa no mesmo ano. Entretanto, não será deslocado citarmos o *Tratado breve dos reinos (ou rios) da Guiné*, escrito em 1594, da autoria do cabo-verdiano André Alvares de Almada; e de origem cabo-verdiana se supõe ser André Dornelas, autor do século XVI, que assina uma descrição da Guiné. E até nós chegou, também, pela pena do historiador António Oliveira Cadornega, o eco de um poeta satírico, o capitão angolano António Dias Macedo, que “tinha sua veyra de Poeta” (FERREIRA, 1977, p.9).

Observando as palavras do autor acima, percebemos que, conforme as publicações citadas, a literatura africana já tinha, independente do primeiro livro publicado por José da Silva Maia Ferreira, mais de um século. No entanto, segundo Ferreira (1977), essa prática literária observada divide-se em duas grandes linhas, sendo elas: a literatura colonial e a literatura africana de expressão portuguesa. Isso acontece porque boa parte das publicações realizadas apresenta como centro o homem europeu, ou seja, o colonizador. Sendo assim, caracteriza-se como uma literatura colonial que representa o negro sempre como uma coisa ou um animal, algo sem muita importância por dizer assim, enquanto que o branco é sempre o homem que apresenta uma cultura superior ao negro, um herói por natureza. Logo, são poucas as obras que conservam a cultura do homem negro, isto é, são poucas as obras africanas de expressão portuguesa, embora saibamos que já na segunda metade do século XIX começaram a existir os escritores que contrariavam as características da literatura colonial, não exaltando, desse modo, o homem branco como havia de ser nessa literatura. Alguns autores começaram a enjeitar a típica literatura europeia, contudo, isso era feito de uma forma camuflada, haja vista a forte pressão colonizadora que não permitia o aparecimento de uma consciência anti-colonialista como podemos observar nas palavras de Manuel Ferreira (1977), abaixo apresentadas.

Se por um lado, na representação do universo africano lhes falece uma perspectiva real e coerente, por outro enjeitam a exaltação do homem branco, embora possam, como é natural no contexto da época, não assumir uma atitude de oposição, típica daquilo que viria a ser a autêntica literatura africana de expressão portuguesa. Mas irrealista seria exigir isso de homens que viveram num período em que a institucionalização do regime colonial dificultava uma consciência anti-colonialista ou outra atitude que não fosse a de aceitá-la como consequência fatal da história. Manifestar nessa época recuada um sentimento africano ou uma sensibilidade voltada já para os dados do mundo africano constitui hoje, a nossos olhos, um acto de novidade e de pioneirismo. Eles são, com efeito, e neste quadro, os antecessores de uma negritude ou de uma africanidade (FERREIRA, 1977, p.14-15).

Vimos, portanto, de acordo com as palavras acima, que esses autores que enfrentaram, de certa forma, a literatura colonial foram os precursores da literatura africana de expressão portuguesa, que teve sua origem também noutros países além de Angola. Vejamos, portanto, brevemente, um pouco da origem dessa literatura em cada um dos países africanos de língua portuguesa.

Seguindo essa perspectiva, encontramos José da Silva Maia Ferreira como o precursor da literatura africana de expressão portuguesa em Angola. Um poeta que, como diz Ferreira (1977), sendo africano por nascimento e por cor, marcou o início dessa literatura no país citado com o livro intitulado *Espontaneidade da minha alma*, publicado em 1849, como já foi dito anteriormente. Temos, além desse poeta, outros que aparecem a posteriori como Eduardo Neves, J. Cândido Furtado e Ernesto Marecos. Já no que diz respeito à narrativa Angola, destacou-se o autor Alfredo Troni quem introduziu em seus textos temáticas que visavam à lição de moral da sociedade angolana sobre “relações familiares, justiça, hábitos sociais, religiosos, culinária, tradições africanas de algum modo reelaboradas, conceitos de vida, conceitos morais, etc” (FERREIRA, 1977, p.17). Isso nos faz perceber que, já nessa época, a narrativa africana tinha como função transmitir ensinamento ao seu povo, apresentando, sempre, temáticas moralísticas.

Se pensando em Cabo Verde, observamos que a literatura desse país apresenta duas grandes fases, sendo elas: antes e depois da *Claridade*, ou seja, o reconhecimento da cultura cabo-verdiana. O que se tinha antes era uma predominância da mistura das culturas europeia e africana, enquanto que, depois, a literatura começou, não se sabe se por José Lopes, Pedro Cardoso ou Januário Leite, a exprimir a realidade do verdadeiro cabo-verdiano (FERREIRA, 1977). Isso fica claro nas palavras do autor abaixo.

Os intelectuais e escritores, a partir da *Claridade*, como adiante teremos ocasião de verificar, projectaram o seu esforço criador nos grandes segmentos que representavam ou simbolizavam a parte viva da sua

pátria, ou seja, aquela que não adoptava os critérios e os padrões que serviam o colonialismo; e assim, aberta ou implicitamente, condenavam tudo quanto vivesse fora deste projecto nacional (FERREIRA, 1977, p.24).

Em outras palavras, é possível ver nas palavras do autor acima que, após a *Claridade*, os autores cabo-verdianos começaram a reconhecer os padrões, hábitos e costumes da sua pátria, esquecendo, assim, os critérios colocados pelo colonialismo que reprimia a cultura nacional.

Dando seguimento às discussões sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, é possível perceber que a evolução social de São Tomé e Príncipe deu-se, paralelamente, a de Cabo Verde. No que diz respeito à literatura desse país, Ferreira (1977) afirma que a primeira obra literária da qual se tem notícia é o livro de poemas *Equatoriaes* publicado em 1896 pelo português António Almada Negreiro.

Concluindo essas considerações, tendo como base ainda as discussões de Ferreira (1977), encontramos dentre os primeiros vestígios literários em Moçambique as obras: *O Africano* (1877), *O vigilante* (1882) e o *Clamor Africano* (1892). Já no que se refere à Guiné-Bissau, vale destacar que não se desenvolveram condições propícias para revelação de valores literários, embora seja importante destacar o etnógrafo Marcelino Marques de Barros, que foi uma figura muito relevante nesse país, deixando a obra *Literatura dos Negros* (1900), além do manuscrito intitulado *Contos e cantares africanos*.

Finalmente, findando as discussões sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa no presente tópico é importante destacar, por fim, a importância dessas literaturas no processo pós-colonial, no qual foi importante o processo de regeneração da cultura africana. Um momento em que as identidades nacionais, regionais, culturais, ideológicas e sócio-culturais precisaram ser resgatadas pelo povo africano. Contudo, para que isso

acontecesse, as literaturas africanas de expressão portuguesa precisaram reconhecer e aceitar as diferenças .

3. As literaturas africanas de expressão portuguesa e a oralidade

É inevitável falar das literaturas africanas e, nesse caso, mais especificamente, das de expressão portuguesa sem observar a sua relação com a oralidade, visto que, como discutimos no tópico anterior, a tradição oral faz parte da cultura africana. Essa relação da literatura africana com a oralidade é tão forte que Leite (2012, p.16) aponta “o uso da oralidade como instrumento de detecção da africanidade textual”.

Primeiramente, é importante ter em mente que a forte presença da oralidade na África é resultante de condições materiais e históricas e não de fatores naturais como é analisado, na maioria das vezes, por algumas pessoas. Tendo em vista isso, a escrita, sem dúvidas, não é algo alienígena para os africanos, embora saibamos que a escrita tenha chegado posteriormente com a colonização europeia.

Foi nesse período de colonização que começaram as preocupações e investigações, econômicas e científicas, sobre a literatura oral africana. A partir disso, no decorrer do século XX, as recolhas das narrativas orais africanas cresceram progressivamente. Entretanto, nesse período, ainda de acordo com Leite (2012), essas obras da literatura oral eram encaradas como manifestações primárias que não proporcionavam trabalhos reflexivos, haja vista o fato de serem produto de uma comunidade, enquanto que as obras da literatura escrita eram trabalho de um só autor, exigindo, desse modo, um desenvolvimento complexo e, conseqüentemente, mais reflexão.

Esse preconceito para com a literatura oral africana permaneceu por muito tempo, já que muitos estudiosos não percebiam a riqueza cultural presente nas

antologias de narrativas orais. Podemos considerar tais obras como enciclopédias culturais, por assim dizer, já que as narrativas orais, como foi discutido no tópico anterior, apresenta muito da cultura do povo que as conta e reconta. Podemos observar isso, por exemplo, em antologias de narrativas orais da literatura africana de expressão portuguesa como *As mãos dos pretos* do moçambicano Nelson Saúte; *Sikulume e outros contos africanos* do brasileiro Júlio Emílio Braz e *Contos populares de Angola* do português José Viale Moutinho.

A presença cultural nessas obras está intrínseca, como afirma Leite (2012), no corpo linguístico dos textos. Temos um exemplo claro, por exemplo, no conto oral *O Kianda e a rapariga* que está presente no livro *Contos populares de Angola* citado acima. Nesse conto, o folclore Quimbundo, presente na nação angolana, predomina, visto que temos como personagens, além do espírito do rio que preside o mundo dos peixes (Kianda), outros seres folclóricos que compõem as crenças do povo angolano. Se compararmos esse texto com um texto que traz o folclore de outra nação, tratando-se de uma crença diferente, veremos que, a partir dos textos, será possível identificar essas diferenças culturais existentes entre essas nações, o que justifica, portanto, o fato de usarmos o plural ao falarmos das tradições orais ou culturas africanas.

Mas, é importante frisar que a tradição oral não está presente somente nas coletâneas de textos orais como as citadas acima, mas também, em obras da literatura escrita, como podemos observar, por exemplo, na obra *Vozes anoitecidas* do autor moçambicano Mía Couto quem procura revelar, por meio da escrita, fatores culturais existentes no cotidiano da sociedade moçambicana. Analisando essa obra, Leite (2012, p.41) afirma que Mía Couto usa a língua como um meio para “recuperar a mundividência mítica, as marcas culturais da oralidade da sociedade tradicional, o onirismo e a simbólica a ela ligadas, numa palavra, a relação empática entre o homem, a natureza e a comunidade”.

Outra obra na qual Mía Couto expõe cultura oral é *Terra Sonâmbula*. Nesse romance, o autor faz um jogo entre o oral e o escrito, trazendo à tona a memória cultural africana, em que os anciãos contam as histórias aos mais jovens como uma forma de transmitir seus ensinamentos e sua experiência de vida. À medida que resguarda os valores culturais africanos, nesse caso, da sociedade moçambicana, Mía Couto institui para o leitor um ato reflexivo sobre a importância dessa memória na sociedade africana. Memória essa representada pelo ancião que guarda todo o seu conhecimento adquirido ao longo de tantos anos com o objetivo de passar para os mais jovens. Tendo em vista esse valor cultural do velho, é comum, na sociedade africana, o provérbio “Quando um velho morre, é uma biblioteca que se queima”.

Concluindo o tópico em questão, ressaltamos o que Leite (2012) afirma ainda sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. Segundo essa autora, mesmo enquadrando cinco literaturas nacionais diferentes, ou seja, as literaturas de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, as literaturas africanas de expressão portuguesa não se recusam a seguir as características das literaturas africanas modernas que sempre trazem tematizações relacionadas as tradições culturais africanas. A estudiosa portuguesa ainda enfatiza que as obras literárias africanas de expressão portuguesa, dentre as quais podemos citar a obra *Terra Sonâmbula* de Mía Couto, apresentado acima, trazem como temática as vertentes das culturas e poéticas dos seus respectivos países. “Isso acontece com particular veemência na literatura angolana e na literatura moçambicana” (LEITE, 2012, p.165).

4. Considerações finais

Tendo em vista o objetivo do presente trabalho, ou seja, fazer algumas considerações sobre a literatura africana de expressão portuguesa, atentando

para as cinco literaturas nacionais que fazem parte dessa literatura, assim como, a relação existente entre essa literatura e a oralidade, que é um dos fatores culturais mais fortes se pensando em África, consideramos a meta como atingida.

Fazendo uma breve retomada das discussões realizadas ao longo do texto, vale destacar que, inicialmente, apresentamos o conceito de literariedade, haja vista o fato de nosso objeto de discussão ser a própria literatura. Contudo, ao trabalharmos com a literatura, se pensando que ela retrata, intrinsecamente, a sua cultura de origem, sentimos a necessidade de delimitar o conceito de cultura abordado no trabalho em questão, já que esse é um conceito, normalmente, muito subjetivo.

Finalmente, após trabalharmos esses conceitos, adentramos nas discussões sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa, fazendo, assim, uma breve apresentação da origem da literatura em cada um dos países africanos de língua portuguesa. Além disso, observamos, no segundo tópico do trabalho, a relação dessas literaturas africanas de expressão portuguesa com a oralidade, observando, conseqüentemente, que é comum, na maioria das obras das literaturas africanas de expressão portuguesa, exprimir o valor cultural da oralidade, defendendo, inclusive, a sua importância, fazendo, assim, com que o leitor reflita sobre a tradição oral africana.

Referências

COSTA, Marisa Vorraber. *Currículo e política cultural*. In: O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa - I*. Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, 1977.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. – Rio de Janeiro: edUERJ, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TERRA, Ermani. *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto, 2014.